

EXPLORANDO OLHARES: EXPERIÊNCIAS COM FOTOGRAFIA PINHOLE

GIULIANA BAZARELE MACHADO BRUNO¹; CLAUDIA MARIZA MATTOS
BRANDÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas – giulianabmb@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – clauummattos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta uma discussão que deriva do projeto de pesquisa “A Arte de Contemplar: Experiências estéticas através da fotografia Pinhole”, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Artes (UFPEL 2023), vinculado à linha de pesquisa “Educação em Artes e Processos de Formação Estética”, com concentração em “fotografia analógica e digital”, sob orientação da Profa. Dra. Cláudia Mariza Mattos Brandão. Ele aborda práticas com fotografia Pinhole realizadas durante a participação da pesquisadora no II Encontro do Píxel ao Pixel, ocorrido entre os dias 4 à 7 de setembro de 2024, na Hippocampus Sebo e Livraria, localizado no Balneário Cassino (Rio Grande, RS).

No evento, ocorreram diversas atividades vinculadas à extensão, abertas ao público em geral, tais como a exposição “Imaginários Autobiográficos”, com a participação de artistas/pesquisadores do PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPEL/CNPq) e do Núcleo de Práticas Artísticas Autobiográficas NuPAA (UFG/CNPq). A exposição teve sua abertura no dia 4 de setembro e permanece até o dia 3 de outubro do presente ano. Dentre as atividades presenciais oferecidas durante o encontro, cuja programação foi amplamente divulgada nas redes dos grupos, foram desenvolvidas diversas atividades envolvendo a fotografia, o vídeo, o imaginário, memórias, educação, e troca de vivências entre o grupo participante.

Das oficinas oferecidas durante o encontro, no primeiro dia tivemos roda de conversa sobre Fotografia Pinhole e Vídeo, caminhada para captura de imagens e reconhecimento local do Balneário Cassino, e revelação dos registros obtidos. No segundo dia houve outra roda de conversa, sobre arte, educação, escola, além de prática do Grafitti feito pelos componentes do grupo PhotoGraphein. Nesse encontro também foram analisados os resultados das fotografias Pinhole. À tarde aconteceu a Mostra de Vídeos, que aconteceu no General Black Burger, e contou com vídeos enviados pelos componentes do NuPAA e do PhotoGraphein. Para finalizar o evento, no último dia foi realizado um almoço festivo de encerramento com participação da Tamborada, também no General Black Burger.

2. METODOLOGIA

Sobre as práticas em fotografia, realizadas para coleta de dados necessários para pesquisa citada, elas seguiram o planejamento do curso de extensão “Semeando Olhares: uma nova possibilidade de olhar o mundo”, que objetiva propiciar experiências estéticas aos participantes mediadas pela prática da fotografia pinhole. Com uma metodologia teórica e prática, ele visa também promover a compreensão do funcionamento do olhar humano, traçando uma

analogia com os equipamentos fotográficos, tão presentes em nossos cotidianos. As discussões também transitaram pelo campo da imagem, da linguagem fotográfica e da importância da origem da fotografia, de como as novas tecnologias, a produção e reprodução em grande escala das imagens, afetam o nosso modo de olhar e compreender o que se passa ao nosso entorno.

A técnica de Pinhole é um método simples para a obtenção de registros fotográficos. Utilizamos objetos ociosos, isolados da luz e abastecidos com material fotossensível. Através de um pequeno orifício feito com uma agulha eles são capazes de capturar imagens. A técnica remete ao princípio das câmeras e exige de seu produtor uma pausa contemplativa, pois leva alguns segundos ou até minutos para a exposição à luz. Ela também depende de concentração e de um olhar mais demorado sobre o que se pretende registrar.

Este foi o método utilizado no Encontro, envolvendo roda de conversa sobre o fenômeno de formação da imagem, o funcionamento do olhar humano, a história da fotografia (Figura 1). Na segunda parte do curso (Figuras 2) aconteceu a obtenção das imagens, durante uma caminhada pela avenida principal do Balneário. Munidos com as câmeras obscuras, os participantes puderam experimentar a técnica de Pinhole por completo, assim como a posterior revelação por meio de químicos, inversão e impressão dos positivos das imagens obtidas. Isso aconteceu num laboratório fotográfico improvisado na Hippocampus.



Figura 1 - Primeira parte, teoria sobre a história da fotografia e funcionamento das câmeras.
Fonte: Ana Ribeiro, Rebeca Fraco, Melissa Araújo.



Figura 2 – Distribuição das Câmeras Pinhole e Saída de Campo para obtenção de registros.
Fonte: Ana Ribeiro e Melissa Araújo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o evento, as participantes vivenciaram a experiência estética de conceber uma fotografia tal qual a primeira imagem obtida pelo homem. Ou seja,

vivenciaram uma experiência que, mais do que envolver o olhar, mobiliza os demais sentidos e a reflexão crítica sobre uma prática, que na contemporaneidade é caracterizada pela instantaneidade dos novos equipamentos.

O grupo conseguiu resultados satisfatórios, compreendeu como ocorre o fenômeno de formação da imagem, a necessidade de controle da luz, a demora para a queima dos sais de prata do material fotossensível pela luz. Entenderam o comparativo do olhar humano às câmeras fotográficas e o funcionamento da luz, que reflete nos objetos e adentra o pequeno orifício feito por uma agulha, imprimindo uma imagem invertida na parede oposta ao furo.

Através da prática da pinhole, as participantes entenderam os primórdios do equipamento fotográfico, a analogia com o olho humano, e como chegamos às câmeras atuais. Também assimilaram com facilidade o processo de revelação química (Figura 3) e a necessidade de inverter a imagem (do negativo para o positivo), assim como o rebatimento horizontal da fotografia (Figura 4). Esse é o processo originalmente realizado com a finalidade de obtenção da imagem dos objetos e das paisagens, tal qual os enxergamos.



Figura 3 – Revelação por meio de químicos. Fonte: Rebeca Franco e Giuliana Bruno.

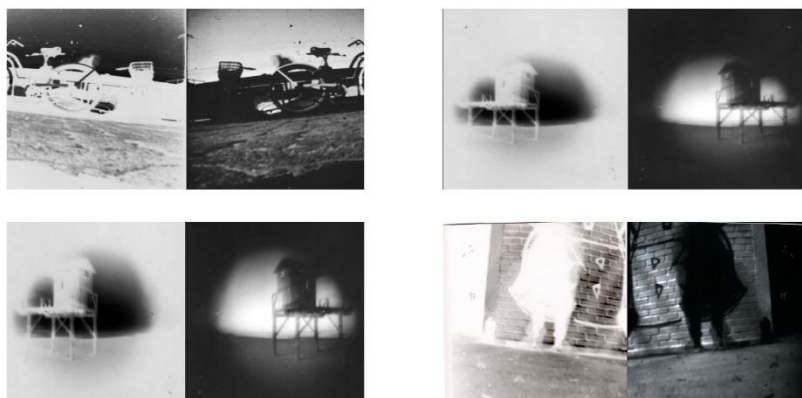


Figura 4 – Inversão Negativo positivo e análise de resultados.

As dúvidas surgidas durante todas as fases, referentes às explicações sobre os fenômenos, funcionamento das câmeras e a técnica de pinhole, foram satisfatoriamente sanadas, oportunizando às participantes uma reflexão acerca da experiência com a pausa contemplativa e a ponderação acerca dos possíveis resultados, sempre imprevisíveis. Proporcionando que elas usassem o olhar, a memória e a imaginação sobre os possíveis desdobramentos que ocorrem quando

temos um resultado único proporcionado pela técnica, indo de encontro à abundância de imagens que produzimos e reproduzimos cotidianamente.

4. CONCLUSÕES

Percebo a necessidade cada vez mais imprescindível de possibilitar, enquanto arte/educadora, atividades que instaurem discussões acerca da imagem e de como a quantidade desenfreada à qual somos expostos cotidianamente modifica o modo como nos comunicamos. Mesmo sendo improvável nos desligarmos das tecnologias, é de suma importância preservar o saber sobre a origem dos fenômenos e o funcionamento de dispositivos. Mais do que isso, a possibilidade de experimentar o processo implica desacelerar, romper com o automatismo do costumeiro click das câmeras, produzindo memórias vivas intensas.

Estamos cada vez mais atrelados ao digital, deixando de produzir lembranças como algo que ressignifica nossas vivências. Entendo que é preciso desligar um pouco do meio virtual, para retornar ao mundo real. Nesse sentido, buscar alternativas com a finalidade de transformar essas conexões mais ou menos como fazíamos antigamente, tecendo redes de convivência presencial, pode enriquecer as trocas coletivas.

Considerando o experimento com a técnica, através do qual uma imagem única é formada dentro da câmara obscura, a subjetividade do olhar de cada pessoa é estimulado. O fechamento das atividades com a ação coletiva das rodas de conversas sobre as experiências singulares e seus resultados, estimula a convivência e a reflexão sobre o vivido, alimentando a memória a partir de trocas dialógicas.

Até o momento o curso acontece em formato piloto, aplicado com a finalidade de uma coleta de dados inicial, através de perguntas norteadoras, cujas respostas posteriormente colaborarão para a definição das práticas futuras. Em breve, a atividade será aplicada no formato de curso de formação continuada voltado para professores da rede pública de ensino, e também será desenvolvido em eventos abertos ao público em geral, cumprindo, assim, a finalidade da extensão universitária, devolvendo o conhecimento que adquirimos na universidade para sociedade como um todo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONDÍA, Jorge Larossa, Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira da Educação**, N° 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

HAN, BYUNG-CHUL. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Gianichini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HAN, BYUNG-CHUL. **No enxame** - Perspectivas do digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.